

Na transversal da história

Antonio Torres Montenegro*

MOMENTO DE CONSTRUÇÃO:

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL (ABHO) vem-se constituindo, nos seus cinco anos de existência, em um espaço plural, onde diversas áreas do conhecimento têm tido oportunidade de debater e confrontar um diversificado número de trabalhos. Surpreende descobrir a intensidade e a amplitude com que as fontes orais têm se transformado em um recurso técnico/metodológico nos meios acadêmicos, centros de pesquisa, como também em órgãos públicos, associações de classe, organizações não-governamentais e empresas.

Historiadores, antropólogos, sociólogos, lingüistas, educadores, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação, através dos seus trabalhos, têm revelado a força e a importância que as fontes orais vêm alcançando no Brasil. Nesse sentido, a Associação Brasileira de História Oral, desde sua fundação, tem procurado criar, através dos Encontros Nacionais e Regionais, uma prática democrática de debate e de convivência respeitosa com as diferenças temáticas, técnicas, metodológicas e políticas. Ao mesmo tempo, o exercício da crítica apresenta-se como instância necessária a toda essa produção que vem, nesses poucos anos, ampliando-se consideravelmente.

A Revista *História Oral* é criada neste momento, como resultado de todo este espírito que tem, de forma predominante, informado as práticas associativas da ABHO. No entanto, é mister registrar que à comissão editorial, coordenada por José Carlos Sebe Bom Meihy e que contou com a colaboração de Maria de Lourdes Janotti, Alice Beatriz Lang e André Gattaz, cabem todos os méritos pelo vitorioso trabalho de criação desta revista. Estes não têm medido esforços para que possamos construir mais essa instância de produção, debate e aprendizagem.

* Professor do Depto. de História da UFPE. Presidente da Associação Brasileira de História Oral.

FONTES ORAIS:

Em dezembro de 1997, durante a entrega anual do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do IPHAN, os trabalhos de memória foram alguns dos grandes premiados. Entre esses chamou nossa atenção o projeto desenvolvido pelo Professor José Itaquí. A partir de relatos orais de imigrantes italianos idosos, Itaquí vem realizando um trabalho junto a mais de cem escolas rurais da quarta região da área rural do Rio Grande do Sul.

Embora nunca tenha ouvido referência à Associação Brasileira de História Oral - segundo relato seu -, trabalhou em seu projeto com diversos livros e textos que têm sido alvo de debates nos fóruns da ABHO. Este exemplo de Itaquí ajuda a pensar como a produção do conhecimento assemelha-se a um grande *iceberg*, cuja parte submersa guarda enormes surpresas. Nesse sentido, pode-se imaginar como devem existir excelentes trabalhos de pesquisadores que não participam dos fóruns acadêmicos tradicionais.

A existência do premiado trabalho de Itaquí e de outros pesquisadores nas diversas áreas, fazendo uso do gravador para realizar entrevistas de histórias de vida e/ou temática, não impede que se observe muitas vezes uma grande simplificação no trabalho com as fontes orais. Descobre-se, em alguns trabalhos, a ausência de procedimentos técnicos desde a definição de um projeto e sua problemática, a construção cuidadosa de um roteiro, o contato e o conhecimento prévio acerca do entrevistado, a carta de cessão, a qualidade da gravação, a conservação e a catalogação das fitas, os critérios de transcrição e edição, o que revela uma simplificação, em certa medida perigosa, pois essa documentação encontra-se primordialmente relacionada a pessoas e acontecimentos com enormes vínculos com o presente. Por outro lado, as simplificações metodológicas têm um enorme arco, desde a falaciosa oposição entre as fontes oral e escrita até imaginar muitas vezes a possibilidade de trabalhar as lembranças como se essas fossem apenas marcas adormecidas da realidade, depositadas em nosso cérebro.

Desconhecer esse debate resulta também em não considerar o lugar e o papel do pesquisador na produção do conhecimento resultante da entrevista oral, ou em imaginar que a fonte oral fala por si, ou seja, substitui o antropólogo, o historiador, o sociólogo, o educador.

Apontar essas questões é situar-se no cenário da velocidade da década de 90, quando os relatos orais de memória tornaram-se no Brasil uma referência constante na produção do conhecimento na área das ciências humanas.

MAPEANDO TRILHAS:

Os livros publicados a partir dos Encontros Nacionais e Regionais vêm-se constituindo em uma das principais fontes para se conhecer a produção dos diversos grupos, como também os perfis de teses e dissertações que vêm trabalhando com as fontes orais.

Historiadores, antropólogos, sociólogos, educadores, arquivistas têm tido oportunidade nesses encontros, através dos grupos de trabalho, de apresentar e discutir suas pesquisas. Essa forma de apresentação tem possibilitado um contato mais estreito entre pesquisadores, como também um debate mais detalhado acerca de aspectos teóricos, metodológicos e técnicos.

Nesse sentido, a partir do material reunido no II Encontro Nacional de História Oral, realizado no CPDOC em 1994, foi publicado o livro *História Oral* (Ferreira, 1994). Nele estão publicados as conferências como também os resumos dos sessenta trabalhos discutidos nos Grupos de Trabalho, que atenderam às seguintes temáticas: Questões Metodológicas; Tradição Oral e Etnicidade; Instituições; Elites e Militares; Gênero; Trabalhos, Trabalhadores e suas Organizações; Constituição de Acervos Orais.

Vale salientar que, durante esse encontro, foi fundada a Associação Brasileira de História Oral, resultado do trabalho desenvolvido a partir do I Encontro Nacional de História Oral, realizado na USP em 1993, organizado pelos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Yara Aun Khoury e pela pesquisadora Alice Beatriz Lang. No entanto, esse encontro foi antecedido por toda uma discussão, ocorrida no Congresso Internacional América 92: Raízes e Trajetórias, durante o qual foi proposta a criação de uma Associação Latino-americana de História Oral, com a presença de representantes de cinco países. Nessa oportunidade constatou-se que este projeto deveria ser antecedido pela criação de associações nacionais, tendo sido então proposto o I Encontro em 1993.

Na assembléia de fundação, durante o II Encontro, em 1994, uma das discussões polêmicas referiu-se ao estatuto e mais propriamente ao nome e ao caráter da associação. Sociólogos, antropólogos, educadores argumentavam que seu trabalho com fontes orais gravadas não era história oral. Construía, na relação com seus entrevistados, histórias de vida, relatos orais temáticos, biografias, que recebiam um tratamento específico a partir da área em que trabalhavam. Por outro lado, para alguns historiadores, a história oral era uma técnica e um método de trabalhar os depoimentos gravados, não se constituindo em uma área específica do conhecimento. Nesse sentido, o termo "história oral" induzia principalmente os jovens pesquisadores à idéia de que, com a história oral, fundava-se uma nova área do conhecimento.

Face a esse conjunto de questionamentos, mesmo se reconhecendo a procedência de vários argumentos, predominou a posição de que a Associação Brasileira de História Oral, que se fundava naquele encontro, ao relacionar-se com as associações de outros países, teria no termo “história oral” o elemento comum de interpelação e reconhecimento. Dessa forma manteve-se o nome - História Oral - no entanto, (no Art.1º §1º do Estatuto) ficou definido: “Por História Oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades, independentemente da área do conhecimento na qual essa metodologia é utilizada”.

Foi também definido nessa assembléia que os encontros nacionais realizarem-se-iam a cada dois anos, intermediados por encontros regionais.

Em abril de 1995, foi organizado o I Encontro Regional de História Oral Sudeste/Sul. Os trabalhos apresentados, após terem sido submetidos a uma seleção, foram transformados no livro *(Re)introduzindo a história oral no Brasil* (Meihy, 1996). Este constitui-se hoje numa referência obrigatória para o estudo das diversas linhas de pesquisa que predominavam entre sociólogos, antropólogos, historiadores, educadores, nos vários centros de pesquisa do Sul e do Sudeste, naquele período.

Destacamos, nesse livro, três trabalhos que procuram delinear um perfil da história oral no Brasil. O primeiro, escrito pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, constrói uma genealogia dos primeiros passos da história oral na década de 1970 no Brasil. Deve-se destacar sua proposta de periodização, como também os fatores que relaciona à dificuldade de se ampliar o campo de atuação da história oral na época de maior repressão do regime militar. No sentido de estabelecer marcas de origem, o autor atribui ao livro *Memórias do Exílio* uma referência fundadora da historiografia da história oral no Brasil (Meihy, 1996, p. 1-10)

O segundo trabalho foi o da professora Marieta de Moraes Ferreira, “História Oral e Tempo Presente” (Meihy, 1996, p. 11-21). A partir dos cursos patrocinados pela Fundação Ford, sua análise privilegia a questão da história oral e os aspectos epistemológicos da produção acadêmica.

Para esta à resistência a história oral - sem desconsiderar os aspectos políticos conjunturais - resultará primordialmente do paradigma epistemológico estruturalista, dominante nos anos 70 e 80. Registra, em sua análise, a ruptura ocorrida na década de 90, com esse modelo, a revalorização da análise qualitativa da história cultural e, sobretudo, a importância do presente na leitura do passado, o que possibilita à história oral conquistar um outro significado para uma parcela crescente de historiadores.

O terceiro trabalho que destacamos, por revelar uma outra perspectiva de análise da história oral no Brasil, é o da professora Dea Ribeiro Fenelon. Esta

constrói seu percurso crítico, privilegiando quatro livros que trabalham com a história oral, publicados no período de 1993 a 1994, como diferentes maneiras de trabalhar as fontes orais.

É significativo que, ao realizar essa análise, recuperando possibilidades e limitações de cada um dos trabalhos, desenvolva um exercício crítico tão importante para o desenvolvimento do conhecimento em qualquer área (Meihy, 1996, p. 22-32).

Um terceiro livro que documenta a trajetória da produção da história oral no Brasil é *Os desafios contemporâneos da história oral* (Simson, 1997), a partir da seleção de trabalhos apresentados no III Encontro Nacional de História Oral, realizado na Unicamp, em maio de 1996.

Esse livro, além de apresentar um retrato do estágio da produção acadêmica em todo o Brasil, oferece uma certa visão da pesquisa com história oral na França, através do texto da conferência de Henry Russo, "Usos do passado na França de hoje", e no México, com Alicia Olivera Bonfil, "Experiências sobre a tradição oral de Cuauhtémoc".

Há também um caráter multidisciplinar nesse livro, através dos textos "História oral e subjetividade", da professora de Psicologia da PUC-RJ, Monique Augras, e da professora Jerusa Pires Ferreira, especialista em Literatura e Comunicação da USP.

Os demais textos do livro refletem as discussões temáticas dos grupos de trabalho: Vale ressaltar que nesse III Encontro, os Grupos de Trabalho - História Oral e Política; História Oral, Instituições e Acervos - apresentam o maior número de trabalhos, o que revela como esses temas, naquele momento, polarizavam a pesquisa com essas fontes.

Observa-se, nesses três livros publicados, uma expressiva concentração de textos de autoria de pesquisadores do Rio de Janeiro e São Paulo. Esse quadro em parte decorre do número de universidades e programas de pós-graduação nessa região como também de instituições de pesquisa que vêm produzindo trabalhos nessa área. Outros dois estados que se destacaram quanto aos trabalhos publicado como ao número de grupos de pesquisadores - inclusive - associados à ABHO foram Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Deve-se registrar também o trabalho de pesquisa com história oral em duas universidades - Universidade Federal do Acre (UFAC) e Universidade Federal do Ceará -, que, apesar de não terem programas de pós-graduação em História, desenvolvem projetos de extrema relevância acadêmica e sobretudo política e social.

O Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH), do Departamento de História da UFAC, publicou em 1997 o livro *Senhores da Rua* (Montenegro *et al.*, 1996), com histórias de vida de crianças e adolescentes que vivem

nas ruas de Rio Branco, e uma série em três volumes intitulada *Seringueiro, Memória, História e Identidade*, com histórias de vida e de lutas dos seringueiros da região. Há também, no departamento, o Núcleo de História Oral, que publica a Revista *TempORAL: História e Fontes Orais*.¹ Organizada em duas séries - *Depoimentos e Artigos*, - teve seu primeiro número lançado em novembro de 1997, com uma entrevista com o ex-seringueiro, poeta e dramaturgo popular José Marques de Sousa (conhecido por Matias).

Um outro pólo de referência na pesquisa com as fontes orais é o Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC), do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Este foi criado em 1983 e atualmente possui um acervo de 535 horas gravadas, resultado de diversos projetos de pesquisa, que possibilitaram a publicação de nove livros e vinte e nove cadernos.

Todas essas fitas transcritas e catalogadas têm-se constituído em uma fonte documental para mestrandos e doutorandos de Antropologia, Sociologia, Ciência Política e História.

No âmbito de instituições não universitárias vêm ganhando amplitude projetos desenvolvidos por secretarias de cultura e órgãos da administração pública, voltados para a reconstrução da memória de bairros, personagens e acontecimentos.

Essa produção é emblemática de um movimento de ruptura com uma enorme indiferença em relação à memória, que tradicionalmente tem caracterizado a relação do poder público com a cultura no Brasil.

Faremos referência a alguns trabalhos publicados a que temos tido acesso, embora o boletim da Associação Brasileira de História Oral (atualmente em seu 5º número), organizado por Alice Beatriz Lang, tenha, de forma sistemática, na seção *Dicas Bibliográficas*, oferecido aos associados um amplo cenário dessa produção.

A Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, a partir do Centro de Pesquisa Histórica desenvolve três projetos - *Memória dos Bairros*, a *Série Depoimentos e Memória das Instituições*. Tem publicados no projeto *Memória dos Bairros*, os livros: *Restinga, Morro Santana e A Grande Santa Rosa* (Munic. de Porto Alegre, 1993); há também a série *Depoimentos*, com os livros: *Percília - uma vivência de cem anos e sindicalismo: crise e ruptura* (Munic. de Porto Alegre, 1992). No projeto *Memória das Instituições* foi publicado o livro comemorativo dos 50 anos do Hospital e Pronto Socorro de Porto Alegre, com o título - *O pronto socorro por seus personagens* (Nunes, 1994).

Uma outra secretaria de cultura, que vem trabalhando com a memória, é a do Estado do Maranhão, através de um dos seus órgãos, o Centro de Cultura Popular Domingo Vieira Filho. Em 1997, teve início a publicação da série *Me-*

mória de Velhos – Depoimentos – Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. Foram inicialmente lançados quatro volumes de entrevistas com “figuras representativas que se destacaram em diferentes esferas da cultura popular no Maranhão” (Est. do Maranhão, 1997, p. 13).

A Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, através da Gerência Geral de Coordenação Técnica de Projetos Institucionais, criou o projeto de história oral *Memória Política de Minas*. Foram publicados dois livros com depoimentos, em forma de histórias de vida, do Dr. Pio Soares Canedo (Est. de Minas Gerais, 1996a) e do Dr. Fabrício Soares da Silva (Est. de Minas Gerais, 1996b). Esses dois livros constituem-se em mais um documento inestimável para o estudo da história política de Minas e do Brasil, por reconstruírem relatos, acontecimentos e reavaliações de fatos e períodos históricos que, muitas vezes, não são encontrados em outras fontes.

Todo esse cenário que vimos descrevendo projeta uma ampliação do campo da pesquisa, como também um outro lugar que o passado vem ocupando, de forma crescente, para instituições que, até pouco tempo, não revelavam qualquer preocupação com a memória.

Para a revista *História Oral* e a própria ABHO, este é um momento extremamente rico e desafiante, ao exigir que exercitemos o debate, a crítica, o respeito às diferenças, face a este múltiplo e diverso conjunto de produções que vem a público das mais diversas regiões do país. Nesse sentido, urge que implementemos o debate sobre Ética e História Oral, iniciado a partir do Seminário realizado no Programa de História da PUC-SP² e recolocado na Assembléia da ABHO durante o IV Encontro Nacional em Recife.

NOTAS

1. Revista *TempORAL: História e Fontes Oraís* do Núcleo de História Oral e do Centro Centro de Documentação e Informação Histórica do Departamento de História da UFAC.
2. O evento “Ética e História Oral” foi realizado em convênio com o Centro Cultural Banco do Brasil e o CPDOC, e resultou na publicação do número 15 da Revista *Projeto História* que recebeu o título *Ética e História Oral*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral*. Rio de Janeiro, Diadorim Editora Ltda, 1994.
- ESTADO DO MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. *Memória de Velhos. Depoimentos: Uma contribuição a memória da cultura popular maranhense*. São Luís, Lithograf, 1997. Vol. 1.
- ESTADO DE MINAS GERAIS. Assembléia Legislativa. *Pio Soares Canedo*. Coleção Memória Política de Minas, 1. Belo Horizonte, 1996.
- _____. Assembléia Legislativa. *Fabício Soares da Silva*. Coleção Memória Política de Minas, 2. Belo Horizonte, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1996.
- MONTENEGRO, Antonio Torres, Bezerra, Maria José e outros. *Senhores da Rua: o imaginário dos meninos e meninas de (na) rua da cidade de Rio Branco*. Rio Branco, Globo, 1996.
- NUNES, Marion Kruse. *O Pronto Socorro por seus personagens*. Organização de Marion Kruse Nunes e Maria da Graça Vilarino. Fotografias de Claudio Fachel Dias. Porto Alegre, 1994.
- MUNICÍPIO DE ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. Coordenação da Memória Cultural. *Sindicalismo: crise e ruptura*. Coordenação de Marion Kruse Nunes. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- _____. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. *A Grande Santa Rosa*. Texto de Jorge Alberto Soares Barcellos, Maria da Graça Andrade Vilarino e Marion Kruse Nunes. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral - 1996*. Campinas, Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.